

## ENTREVISTA

## Baleia Rossi/ PRESIDENTE DO MDB

Deputado admite incômodo com articulação do titular do Planalto em São Paulo; diz que o apoio à reeleição do petista não é garantido e classifica como 'exagero' o movimento do Congresso para ampliar emendas

BRANCA GOMES  
baleia.rossi@globo.com.br  
Foto: J. M. S. / G. M. S.

O MDB integra o governo Lula com três ministérios, mas tem possíveis presidenciais para 2026: Simone Tebet (ministra do Planejamento) e Helder Barbalho (governador do Pará). A tendência é apoiar a reeleição de Lula ou lançar candidatura própria?

Nós temos lideranças em ascensão em praticamente todos os estados, além das figuras que estão se destacando nacionalmente, como o Helder, a Simone e o Renan Filho (ministro dos Transportes). Para termos qualquer pretensão futura, é preciso ter uma eleição municipal forte. Agora, o foco do partido é 2024.

O senhor, então, não garante que o partido estará com Lula em 2026?

Não está definido. Temos três dos melhores ministros, isso é importante, nos dá uma condição de colaborar com a agenda do país. Se olharmos para as pautas prioritárias do governo, muitas foram encampadas pelo MDB, como a reforma tributária, que é de minha autoria e relatório do senador Eduardo Braga. A paridade de salários entre homens e mulheres e poupança jovem ensino médio foram ideias da campanha da Simone Tebet que presidente Lula assumiu como compromisso após o apoio dela.

Como avalia o fato de Lula ter articulado para que Marta Suplicy deixasse a prefeitura e aceitasse ser vice de Boulos?

Claro que causou um desconforto porque ela estava no governo do Ricardo há três anos. Acho que até pelo fato de o MDB fazer parte do governo, ele (Lula) poderia ter agido de maneira diferente, sim. Mas a gente tem que respeitar. É a eleição mais importante do Brasil. É natural o presidente Lula articular.

Aida da Marta para a vice fortalece a campanha de

"Acho que até pelo fato de o MDB fazer parte do governo, ele (Lula) poderia ter agido de maneira diferente (em relação à Marta)"

"O governo é eleito em cima de um programa e, para executá-lo, precisa ter o controle do Orçamento"

Boulos? A indicação de Aldo Rebelo para o lugar dela foi um "remédio" que a gestão municipal encontrou?

Houve uma janela de oportunidade. A visão do Aldo fortalece a frente ampla, a proposta de conseguir reunir pes-

soas que pensam diferente, mas que querem o melhor para São Paulo. Não gostaria de perder a Marta, claro. Eu gosto dela. Mas o fato é que ela sempre teve uma identidade como esquerda, o perfil dela sempre foi esse, ela não mudou.

O MDB pode apoiar o Alexandre Ramagem no Rio para ter o apoio do PT em São Paulo, abrindo mão da candidatura do Ottoni de Paula?

Em março vamos fazer uma pesquisa para verificar a capacidade de crescimento do Ottoni, que hoje é pré-candidato a prefeito. Temos o Washington Reis e o Piccini que são secretários de Cláudio Castro. E ele gostaria muito que o MDB apoiasse o Ramagem.

O MDB integra a frente ampla de Lula para derrotar Bolsonaro. Dois anos antes,

o senhor foi o candidato anti-Bolsonaro à presidência da Câmara, contra Arthur Lira. Não é contraditório o partido agora se aliar ao ex-presidente na eleição de São Paulo, para enfrentar o candidato de Lula?

De maneira alguma. Eleição municipal é momento de se discutir as questões do município. O nosso candidato a prefeito de São Paulo é o Ricardo Nunes, um "radical de centro", que aos 16 anos se filiou ao MDB e sempre militou no MDB. O Ricardo Nunes nunca teve uma atitude antidemocrática. Estamos buscando o apoio de todos aqueles que acham que o Boulos vai ser um desastre para São Paulo. A verdadeira frente ampla quem está fazendo é o Ricardo Nunes, com a possibilidade do apoio desde o PL, mais à direita, passando pelo Republicanos, PP, PSD, Uni-

ão Brasil, PSDB, Solidariedade, agora com reforço do Aldo Rebelo. É uma composição plural, de pessoas que pensam de forma diferente, mas veem nele a melhor alternativa para São Paulo.

Considerando a história do MDB na luta pela redemocratização, como o partido justifica a aliança com Bolsonaro, que exaltou a ditadura militar, numa das principais cidades do país?

Essa tentativa de polarização ou de nacionalização da campanha de São Paulo não é boa para a cidade. Boulos tenta nacionalizar porque ele não tem o que mostrar. Ao contrário do Ricardo, que vai falar de gestão. A gente respeita o presidente.

Está certa a filiação do vice-governador do Rio, Thiago Pampolha? Será a aposta do

MDB para o governo do Rio em 2026?

Combinamos de fazer a filiação dele em fevereiro, após conversa com o governador Cláudio Castro, mas está certa, sim. Ele é uma promessa muito grande. Deverá ser nosso candidato ao governo do Rio em 2026.

Elmar Nascimento (União-BA), Marcos Pereira (Republicanos-SP), Antonio Brito (PSD-BA) e Isinaldo Bulhões (MDB-AL) estão entre os cotados para disputar a presidência da Câmara. Haverá um racha na base?

Eu defendo a pré-candidatura do Isinaldo. Ele é um grande líder, tem contribuído muito com o avanço das pautas na Câmara, tem uma convivência harmônica com todos os líderes. Mas não depende de mim, mas da vontade do líder e da construção de apoios. Acho que as candidaturas à presidência da Câmara ainda vão afunilar e, lá na frente, teremos convergências. Não acredito que a eleição vai interferir no andamento das pautas (do governo) deste ano e nem na base.

Como vê o aumento das emendas parlamentares nos últimos anos e a ofensiva do Congresso para ter mais controle do Orçamento?

Fu sou um deputado que defende as emendas parlamentares. Mas a maneira com que a gente está tendo a execução do Orçamento acaba criando um desequilíbrio entre Executivo e Legislativo. O governo é eleito em cima de um programa e, para executá-lo, precisa ter o controle do Orçamento. Acho que é exagero a maneira com que as emendas estão sendo discutidas no Legislativo.

Como equilibrar?

Fortalecendo o orçamento discricionário dos ministérios. Muitas vezes vemos os ministérios sem condições de colocar em prática projetos que, na visão deles, são importantes porque o orçamento está em outras rubricas que não as que eles podem executar.

## Fala de Genoino sobre judeus cai mal dentro e fora do PT

Boicote defendido pelo ex-presidente da sigla foi considerado 'erro' entre dirigentes; para Conib, declaração é antissemita

A declaração do ex-presidente e ex-deputado do PT José Genoino sobre boicote a "empresas de judeus" foi classificada como um "erro" por integrantes da cúpula do partido, segundo a colunista Bela Megale, do GLOBO. Organizações israelitas classificaram o posicionamento como antissemita.

Membros do diretório e da executiva da legenda afirmaram à coluna que Genoino "foi muito infeliz" em usar o termo durante um live de sábado. A avaliação, porém, é que o PT não deve se manifestar sobre o assunto, para não escalar o tema. A leitura de integrantes do partido é que também fal-

tou a Genoino certo conhecimento sobre a discussão. Pessoas próximas ao ex-deputado relataram que sua intenção teria sido fazer uma defesa do movimento de boicote, desinvestimento e Sanções (BDS) contra Israel, que busca fragilizar economicamente o governo e pressionar empresas coniventes com a guerra, mas afirmam que o ex-deputado errou na sua fala.

## TRÉPLICA

Após a repercussão, Genoino divulgou uma nota ontem na qual repudiou a manifestação da Confederação Israelita do Brasil (Conib), que chamou sua fala de "antissemita".

"Apresento meu repúdio à nota da Conib e afirmo que

não sou e nunca fui antissemita. Repudio, também, qualquer tipo de preconceito contra o povo judeu e defendo a existência de dois Estados. Temos a obrigação de denunciar o genocídio do governo de Israel contra o povo palestino. Tenho defendido, incansavelmente, o cessar-fogo, a paz entre os povos e a solidariedade ao povo palestino".

A Conib ressaltou que antissemitismo é crime no Brasil. "O boicote a judeus foi uma das primeiras medidas adotadas pelo regime nazista contra a comunidade judaica alemã, que culminou no Holocausto", diz trecho da nota. As federações israelitas do Rio de Janeiro e de São Paulo também repudiaram a declaração de Genoino.



Termos. José Genoino pregou, em live, retaliação a 'empresas de judeus'

— Essa ideia do boicote por motivos políticos que ferem interesses econômicos é uma forma interessante. Inclusive, tem esse boicote em relação a determinadas empresas de judeus. Há, por exemplo, boicotes a empresas vinculadas ao Estado de Israel. Inclusive, acho que o Brasil deveria cortar relações comerciais na área de segurança e defesa com o Estado de Israel —

afirmou Genoino na live de sábado do site "Diário do Centro do Mundo".

A atual presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), também já teve comentários repudiados pela Conib. No dia 30 de dezembro, ela foi às redes sociais em defesa de um jornalista do portal de esquerda "Ópera Mundi" criticado pela confederação por posicionamentos sobre o conflito entre Israel e a organização terrorista Hamas. Na postagem, Gleisi disse que a Conib persegue o profissional por "seu firme posicionamento contra o massacre do povo palestino pelo governo de ultra-direita de Israel".

Além de questionar a defesa do jornalista feita por Gleisi, a Conib afirmou, na ocasião, que a presidente do PT havia feito uma afirmação preconceituosa em relação à própria confederação, "de dupla lealdade, jargão clássico do antissemitismo, que merece total reprobção".